



# **PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A VIDA FAMILIAR**

**Israel Belo de Azevedo**

**Prazer da Palavra**  
E-BOOKS 

ISRAEL BELO DE AZEVEDO

# PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A VIDA FAMILIAR

EDITORA PRAZER DA PALAVRA

2008



## Sumário

- **Introdução**

TRÊS VERDADES PARA NOS ANIMAR A PENSAR BÍBLICAMENTE NA FAMÍLIA

- **Capítulo 1 - MUTUALIDADE**

1. VALORES A CULTIVAR

- 1.1. Respeito
- 1.2. Complementaridade
- 1.3. Parceria
- 1.4. Reverência

2. PERSISTINDO NOS VALORES

- 2.1. Continue temendo a Cristo
- 2.2. Faça a sua parte.
- 2.3. Lembre-se que você não é perfeito.
- 2.4. Ore e trabalhe por sua família.

- **Capítulo 2 - A SUBMISSÃO DA MULHER**

1. Pressupostos gerais
2. Pressupostos específicos
3. O significado da submissão da mulher ao marido

- **Capítulo 3 - O DEVER MASCULINO DO AMOR**

O contexto paulino

- **Capítulo 4 - DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO**

1. Princípios gerais
2. Cláusulas de exceção à indissolubilidade do casamento
3. Aplicações práticas
4. Para que o seu casamento não acabe



## **Introdução**

Efésios 5.21-6.4

### **TRÊS VERDADES PARA NOS ANIMAR A PENSAR BÍBLICAMENTE NA FAMÍLIA**

1. A Bíblia é um livro para a família, em dois sentidos: a Palavra de Deus:

a) contém histórias de famílias, exemplares e nada exemplares, com relatos de dramas intensos, como doenças, mortes, desavenças, abandonos, esterilidade;

b) oferece abundantes e sólidos conselhos e

c) garante que pertencemos à grande família de Deus, em que Ele é o Pai, não importa o nosso estado civil.

a) Os exemplos de famílias nada exemplares são mais abundantes: Abraão negando um filho, Davi descuidando dos seus filhos, os irmãos de Jesus com dificuldades para reconhecê-lo como Messias. Mesmo a família exemplar de Timóteo não seguia o padrão porque era constituída de avó, mãe e filho.

b) Há centenas de textos com elevados padrões para a vida familiar, como o relato da criação homem-mulher, os cuidados sugeridos em Cântico dos Cânticos, o ensino de Jesus sobre o



casamento e as instruções dos apóstolos, especialmente as de Paulo que, provavelmente, não tinha uma família própria.

c) Eis como a Bíblia nos caracteriza: "Portanto, vocês já não são estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito" (Efésios 2.19 -22).

2. Terra de todos nós, a família é o território onde vivemos e morremos, em dois sentidos: ali se desenvolve a história toda de cada um de nós; ali nossas potencialidades se desenvolvem, desde que amados, liberados, estimulados, e ali podemos morrer a cada dia, rejeitados, sufocados, decepados.

3. Não existe família perfeita, mas princípios perfeitos para a família. Esta convicção nos anima a não desistir da nossa, mas a gastar tempo diante de Deus agradecendo e intercedendo por ela, chorando por ela (em lugar de escondermos seus problemas), lutando por ela (em lugar de desanimarmos), buscando novos caminhos para ela (em lugar de nos acomodarmos). Neste sentido, as tarefas na família, para que seja um espaço de amor,



libertação e estímulo, cabem a todos: pais, cônjuges e filhos.



## Capítulo 1.

### MUTUALIDADE

Efésios 5.21

A queda nos tornou escravos do egoísmo, o principal inimigo da vida familiar saudável.

Para derrotá-lo, o apóstolo Paulo sugere a submissão mútua.

"Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo".

"Submetam-se uns aos outros, por reverência a Cristo".

Ah! Isso é difícil? É. Só buscamos este caminho quando o tomamos como uma tarefa que Cristo nos pede. Este "temor" ou "reverência" a Cristo significa considerar nossa família como um campo de serviço prestado a Deus.

Para tanto, todos nós (cônjuges/pais e filhos/irmãos), precisamos buscar os seguintes valores, na contramão do egoísmo:

#### 1. VALORES A CULTIVAR

##### 1.1. RESPEITO

Respeitar o outro é:



. levar em alta conta o interesse do outro. Seu filho gosta de música, mas você acha que música não dá futuro para ninguém. Negocie com ele para estudar música e algo que você acha mais promissor.

. levar em alta conta as limitações do outro. Seu marido tem dificuldade com críticas; evite criticá-lo, procurando uma forma de dizer que não soe como crítica.

. promover o bem-estar (prazer) do outro. Você não quer ir à praia, mas seu irmão quer, e vocês vão.

## 1.2. COMPLEMENTARIDADE

Outra forma de se submeter ao outro é reconhecer que, na família, cada um complementa o outro. A vida familiar é como uma orquestra composta de vários instrumentos.

Você e seu marido estão em casa, quietos, quietos até demais, aí chega(m) seu(s) filho(s), fazendo barulho, falando alto, pondo música alto. Vocês podem ficar irritados ou alegres; sua casa precisa de alegria e seu filho a trouxe.

Valorize as diferenças de temperamento, de gosto e de ritmo. As diferenças são o tempero da mesa familiar.

Cada um tem um papel a ser desempenhado. O pai, por ser o sustentáculo financeiro da família, não mais importante que o bebê que só suga, suga mas alegra o ambiente, suga mas dá ao



pai mais vontade de trabalhar.

Uma boa pergunta, que cada um deve se fazer é: que necessidade na sua família você está complementando? O egoísta perguntará: O que não me estão dando? Você perguntará: O que posso dar para minha família?

### 1.3. PARCERIA

Uma família mutuamente submetida tem alvos (que são gerais) e metas (que são específicas) em comum, sem prejuízo dos alvos e das metas individuais. Em caso de conflito, o membro de uma família mutuamente submetida negará o que for individual, mesmo que seja por um tempo.

Para que haja parceria, será necessário que cada um entenda que, nela:

- . complementamos uns aos outros
- . dependemos uns dos outros
- . juntos somos mais fortes

Então, poderemos participar dos projetos e atividades comuns.

- . Uma mãe/esposa pode parar de estudar para que seu(s) filho(s) ou esposo o faça. Vencida esta etapa, chegará a sua vez, o que,



talvez, exija sacrifício do(s) filho(s) ou do esposo.

. Um pai pode aumentar sua carga de trabalho (em mais de um emprego) por um certo tempo, em que todos economizarão, para a aquisição de uma casa própria ou para o pagamento de dívidas.

. Um deles pode trocar de igreja, se isto for melhor para todos.

. Um filho pode se transferir para uma escola pública até que o orçamento da casa fique equilibrado.

. Todos podem contribuir para um fundo comum visando uma viagem coletiva daqui a quatro anos.

. Um deles pode cuidar da casa enquanto o outro se dedica a um projeto voluntário.

. Um irmão pode adiar a sua pós-graduação para que o outro possa fazer a sua primeiro.

. Um irmão pode chegar em casa mais cedo para ajudar alguém que está doente em casa.

#### 1.4. REVERÊNCIA

A palavra que melhor define esta mutualidade é "temor" ou "reverência".

. Uma vida familiar será saudável quando Jesus Cristo for o centro (eis um significado de referência) de nossas vidas. Quando Jesus



fala, nossa reverência nos manda ouvir. Quando Jesus está presente em casa, Ele comanda.

. A submissão mútua só é possível quando é vista como submissão a Cristo, não ao cônjuge, ou ao pai ou ao filho ou ao irmão. Não há medo nesta sujeição, porque o perfeito amor, amor de Deus operando em nós, lança fora o medo (1João 4.18).

. Com esta visão, nossa vida familiar servirá com um espelho da relação Cristo e Igreja, em que Cristo é o Diretor.

. Com esta certeza, o outro (filho, pai, cônjuge, irmão) é mais importante que eu. A opinião do outro é mais importante que a minha. A necessidade do outro é mais importante que a minha.

## 2. PERSISTINDO NOS VALORES

Então, você me dirá: "você não conhece a minha família".

Imagino que, talvez nela, o "cada um por si" seja a lei dominante; que só um faz sacrifício e os demais "deitem"; que haja dificuldades de caráter que tem minado as relações; que haja problemas de temperamentos que têm tornado o convívio difícil; e que haja hábitos que têm produzido conflitos aparentemente insolúveis; que gritos e xingamentos sejam mais comuns que respeito e elogios; que não haja união nem na hora da doença.

Lembro-lhe que sua família não é tão diferente quanto você imagina. Essas realidades estão presentes em muitas famílias,



por causa da queda; não foram constituídas para isto, mas para mais, para respeito, para complemento, para parceria e para reverência.

### 2.1. Continue temendo a Cristo.

Continue em família temendo a Cristo. Não desista de continuar temendo a Cristo. Creia menos no seu poder de argumentar, e mais no poder do Espírito em convencer. Deposite menos confiança no seu braço ou na sua língua, para impor sua vontade, e mais no poder do Pai que o colocou numa família.

### 2.2. Faça a sua parte.

Respeite, mesmo desrespeitado. Complemente, mesmo sozinho. Junte-se, mesmo que precise ser teimoso. Reverencie, mesmo que não o levem a sério

### 2.3. Lembre-se que você não é perfeito.

Parte dos problemas de sua família pode ser gerada por você. Ouça o outros membros dela. Veja o que os outros precisam mudar, mas o que você precisa mudar.



2.4. Ore e trabalhe por sua família.

Se há um problema de caráter (há um mentiroso na família), ore pela transformação; dê o exemplo que vale o outro ache que vale a pena seguir. Você não vai mudar o caráter do seu cônjuge; se houver transformação, é ação de Deus. Ore por isto e espere (talvez muito tempo).

Se há um problema de temperamento (há uma pessoa explosiva), ore pelo ajuste, para que, aos poucos, o Espírito Santo vá moldando essa pessoa, que, talvez, jamais deixe de ser explosiva, apenas menos explosiva, o que já é um avanço.

Se há um problema de hábitos nocivos (em que não há parceria na ajuda em casa, na arrumação das camas, na atenção aos horários, no uso do dinheiro), ore para que haja percepção do problema por parte dos outros; empenhe-se em educar (educação é coisa para longo prazo), com firmeza mas sem desejar moldar os outros ao seu jeito de ser (que é submeter, não submeter-se) e com alegria nas vitórias, mesmo que pequenas.



## Capítulo 2.

### A SUBMISSÃO DA MULHER

Efésios 5.22-24

(22) Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, (23) pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. (24) Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos.

#### 1. PRESSUPOSTOS GERAIS

1. Entendemos que a Bíblia ainda é o livro que rege as nossas vidas. Por ser a Palavra de Deus, a ela nos submetemos, a ela, não à interpretação, que varia e muda. Somos cativos da Palavra de Deus, não da interpretação, seja ela de cristãos ou de não cristãos, e nem da ideologia de nosso tempo, que muda como muda o tempo. Mesmo assim, a Bíblia nos fala de princípios, que são imutáveis, porque inspirados por Deus, que conhece o tempo e não muda com ele. O que nós pensamos deve estar em conformidade com a Bíblia, não com a nossa interpretação, mas com o texto, que precisamos nos expor a ele para que ele nos exponha o conselho de Deus, o verdadeiro conselho de Deus, não o nosso, que tentamos tornar divino.



2. Mesmo que o contexto histórico em que surgiu o conselho de Deus, este conselho continua sendo de Deus, mesmo que o contexto seja outro, e será sempre outro. O contexto, no entanto, é fundamental para entendermos o sentido do texto e para o aplicarmos ao nosso contexto.

3. Por mais elevados que sejam os padrões bíblicos para as nossas vidas, são padrões para nós. Se nós nos comprometermos em os viver, seremos felizes. Precisamos saber que os padrões bíblicos se inscrevem numa ordem espiritual, não numa ordem natural; para ficarmos com os padrões naturais, não precisaríamos da Palavra de Deus. É a realidade que deve se conformar à Palavra de Deus, e não o contrário.

## **2. PRESSUPOSTOS ESPECÍFICOS**

1. O ensino paulino sobre a mulher está adiante do seu tempo.

A sociedade romana, em relação a família, era muito diferente da nossa. O casamento romano não tinha nada a ver com amor. Era arranjado pelas famílias. Quando casada, uma mulher romana estava sob a jurisdição do seu marido ou do pai dela, dependendo do tipo de contrato celebrado. Liberdade para mulher só quando era infértil e tinha que voltar à casa do pai. O propósito do



casamento era garantir a sucessão familiar, para que os espíritos dos mortos fossem honrados.

A razão para o casamento não era o amor, mas a procriação. Por esta razão, o divórcio era natural quando a mulher não pudesse cumprir esta sua função. O homem geralmente era promiscuo, naturalmente. Algumas esposas também o eram, mas discretamente, porque seu gesto poderia ser considerado infidelidade. O do homem, não.

Um homem geralmente se casava aos 30 anos, e uma mulher aos 18, ou antes. Cabia ao homem ensinar essa adolescente a viver na nova casa, uma casa onde havia escravos e era semi-pública; não era um refúgio como o nosso lar hoje. A expectativa média de vida da mulher na Roma antiga era, no máximo, de 30 anos. Eis o epitáfio de uma destas mulheres (Vetúria): casada aos 11, mãe de seis filhos e falecida aos 27.

As mães precisavam ter muitos filhos, porque não se sabia quantos sobreviveriam. Os maridos da aristocracia esperavam que suas esposas estivessem permanentemente grávidas. Os pobres, não, por falta de recursos para sustentar os filhos. As mulheres não podiam escolher ter ou não ter filhos. Além da maternidade, as mães podiam participar da educação dos filhos.

As mulheres não tinham qualquer possibilidade de escolha pessoal. Elas estavam sempre sob a supervisão dos seus pais, parentes masculinos e maridos, que geralmente as beijavam na boca... para sentir se tinham bebido vinho, algo proibido para



mulheres, por estimular ao adultério.

O mundo romano antigo era a cultura patriarcal, com os homens controlando todas as posições de poder. Mulheres e crianças não tinham qualquer poder. <sup>1</sup>

Uma mulher raramente acompanhava seu marido e filhos às refeições. E só podia comer quando acabasse a conversa à mesa, onde não podia se assentar, mas num banco ao fundo.

Na família romana, portanto, a idéia de igualdade no lar simplesmente não existia.

Se as mulheres de nosso tempo tivessem consciência desta informação, seriam menos resistentes aos ensinamentos do apóstolo Paulo, que promove uma revolução, ao pedir algo absurdo para o seu tempo: que os homens amem e respeitem suas esposas.

2. Para entendermos a recomendação paulina acerca da submissão, precisamos ler tudo o que o apóstolo fala sobre elas em suas epístolas. Ele não se contradiz e com ele aprendemos, entre outras afirmações:

- "No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem, nem o homem independente da mulher. Pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher.

---

<sup>1</sup>MASON, Moya K. Roman Women: A Look at their Lives. Disponível em <[http://www.moyak.com/researcher/resume/papers/roman\\_women.html](http://www.moyak.com/researcher/resume/papers/roman_women.html)>



Mas tudo provém de Deus" (1Coríntios 11.11-12).

- "Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus, pois os que em Cristo foram batizados, de Cristo se revestiram. Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus" (Gálatas 3.26-28).

3. Embora possamos ter algumas dúvidas sobre como entender a recomendação paulina acerca da submissão da mulher, podemos ter certeza do que o texto não diz:

. Paulo não diz que a mulher não pode ocupar funções de liderança, inclusive de ser pastora. Quem lê o livro de Atos dos Apóstolos e as cartas paulinas nota, com abundância, a consideração que tinha para com elas em seu ministério.

. Paulo não aplica a submissão da esposa a todas as áreas da experiência humana. A instrução é específica ao contexto da vida de uma família cristã e não se aplica à política, aos negócios e nem mesmo à igreja.

. Paulo não recomenda que a esposa deve obedecer ao seu marido, como se não tivesse gosto ou vontade próprios. Filhos e servos devem obedecer. Esposas devem se submeter. Portanto, quando fala dos deveres dos filhos e dos servos, Paulo pede que obedçam a seus pais e a seus senhores (*hupakouete*). Quando orienta as esposa, ele pede que se submetam (*andrasin*). Esta diferença não pode ser ignorada para entendermos o sentido da



instrução paulina. A diferença não pode ser desconsiderada. A mulher não deve se esconder atrás desta submissão para se livrar de suas responsabilidades, como Eva tentou fazer. Safira foi tão culpada quanto Ananias, e morreu junto com o marido porque também pecou. A mulher tem o direito e o dever de discordar do seu marido, se for o caso.

. Paulo não autoriza o marido a tratar sua esposa como pessoa inferior, como se fosse ele um déspota que reinasse sobre sua mulher. Paulo não autoriza o marido a tratar sua esposa como uma criança a ser cuidada, porque incapaz. Paulo não admite que o marido possa desrespeitar sua esposa, humilhando-a (porque ela não trabalha fora, por exemplo), vigiando-a (por causa do ciúme doentio), proibindo-a disto ou daquilo (estudar, trabalhar fora, participar de uma igreja), tratando-a como empregada ou prostituta particular, sufocando-a em suas necessidades. Paulo não sinaliza que o marido pode cometer violência, física ou psicológica, contra sua esposa, porque Deus não é cúmplice da covardia.

### **3. O SIGNIFICADO DA SUBMISSÃO DA MULHER AO MARIDO**

1. Marido e mulher são seres diferentes.

A submissão feminina, bíblicamente entendida, é o reconhecimento das diferenças de gênero. Homem e mulher são diferentes, logo têm papéis diferentes, que devem ser valorizados.



Ambos podem se destacar no mundo dos negócios, da política, da educação e da ciência, mas há papéis, biologicamente ou culturalmente dados, que cabe a cada um. No desenvolvimento destes papéis, homem e mulher, marido e esposa, são complementares.

Tornou-se politicamente correto afirmar a igualdade absoluta entre masculino e feminino, mas esta assertiva é equivocada se não incluir a dimensão da diferença, sem superioridade, sem inferioridade.

Casados, seu casamento terá futuro quando, vocês entenderem, valorizarem e cultivarem suas diferenças. Seu casamento enfrentará turbulências quando um desejar mudar o outro naquilo que tem de diferente.

2. A submissão feminina, bíblicamente entendida, é a afirmação que o relacionamento entre marido e mulher deve ser exclusivo, no sentido de ser um para o outro. O amor e o cuidado devem ser mútuos, com um servindo ao outro. Nem homem nem mulher é mais importante do que o outro aos olhos de Deus (Gálatas 3.28), pois Deus os criou à sua imagem (Gênesis 1.27) e os tornou co-herdeiros do dom da graça da vida manifestado em Cristo Jesus (1Pedro 3.7).

Casados, gastem tempo juntos; façam planos juntos; criem juntos seus filhos; ensinem-nos juntos sobre a bênção da fé cristã.



Quanto mais tempo gastarem juntos e quanto mais servirem um ao outro, quanto mais se deixaram preencher por Deus e quanto mais crescerem na semelhança de Cristo, mais terão do amor, da alegria e do poder do Espírito Santo em suas vidas. <sup>2</sup> O casamento é o espaço da cooperação.

3. A submissão feminina, bíblicamente entendida, quer dizer que uma família precisa de uma liderança. Nenhum organismo social vive sem uma liderança. Nem mesmo uma família, que precisa de uma liderança para o planejamento do futuro e para a tomada de decisões. Marido e mulher podem inclusive se especializar na liderança. O casal pode combinar, por exemplo, que a gestão financeira poderá ficar sob a responsabilidade daquele que for mais capaz (isto é, daquele que sabe gastar menos...)

Uma eventual especialização não altera o papel do homem na vida familiar. Muito do que há de pior nas famílias advém da omissão masculina. Portanto, numa situação ideal, em que o casal busca a plenitude do Espírito Santo, a liderança é masculina. No entanto, vivemos num mundo decaído, presentes o abandono, a infidelidade, a insanidade, a violência doméstica e a dependência química.

Nessas condições de exceção, a esposa deverá tomar a

---

<sup>2</sup>Autor anônimo. What's a marriage for? a word from Ephesians 5:18-33. Disponível em <<http://www.cbeinternational.org/new/E-Journal/2004/Summer2004/May04Article2.htm>>.



liderança do casal e da família, para que a tragédia não seja maior.

Uma esposa abandonada não pode esperar que o marido ausente lidere a família; esta tarefa tem que ser assumida por ela, se não quiser que a fome campeie e a desagregação se estabeleça de modo definitivo.

Uma esposa sabidamente traída precisa assumir sua dignidade, não esperando que um marido adúltero diga a ela e a seus filhos como devem agir. Um marido infiel está moralmente incapacitado para liderar a família.

Uma esposa física ou emocionalmente agredida por seu marido está desobrigada em aceitar a violência como decorrência da liderança masculina. A violência de um homem contra sua esposa é uma demonstração de insanidade, que o desqualifica como líder. A mulher tem o dever de preservar sua saúde física e emocional, buscando uma delegacia, se for o caso, para denunciar seu cônjuge.

Uma família em que o marido/pai ficou enfermo mentalmente não deve esperar que ele assuma seu papel de líder enquanto precisa de recuperação. Ele deve ser respeitado, amado, querido, mas não pode ter sobre si mais este peso, que o debilite ainda mais. A esposa precisa assumir a liderança da casa e até do tratamento do esposo.

Uma família em que o marido/pai se tornou dependente de



drogas, seja o álcool ou os tóxicos, não pode permitir que um homem com esta dependência lidere a casa, sob pena de um naufrágio coletivo, uma vez que a dependência devasta a saúde física, emocional e financeira de uma família. A esposa deve assumir a liderança e investir na recuperação do esposo.

4. A submissão feminina, biblicamente entendida, tem o mesmo peso que o amor masculino. Devem as esposas se submeter a seus maridos? Sim. Mas os maridos devem amar as suas esposas. Amar é a forma masculina da submissão feminina.

A submissão feminina e o amor masculino deve ser no Senhor, o que quer dizer que a submissão e o amor são dedicados primeiramente ao Senhor. Ambos são para honrar ao Senhor. Não são os maridos os primeiros destinatários da submissão e as mulheres os primeiros destinatários do amor, mas o Senhor; maridos e mulheres são destinatários em segundo plano. É por isto que o casamento é mais que um contrato entre duas pessoas; na verdade, é um espelho entre Cristo e a igreja. Ele reflete Cristo e ela reflete a Igreja.<sup>3</sup>

5. O ideal da submissão feminina e do amor masculino, no casamento, se aplica à questão da liderança masculina. Paulo

---

<sup>3</sup>BRAND, Chad. Christ-Centered Marriages: Husbands and Wives Complementing One Another. Disponível em <<http://www.baptist2baptist.net/printfriendly.asp?ID=230>>



afirma que "o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador" (verso 23).

Mais uma vez, estamos falando num plano espiritual, não natural. No plano natural, a legislação brasileira não estabelece mais o marido como chefe da família. Ao fazê-lo, a lei apenas reconheceu o que acontece em muitas comunidades: há famílias sem maridos e pais, com as mulheres acumulando as duas funções; há famílias com maridos presentes mas ausentes nos seus compromissos e deveres. Num documentário recente, na televisão, ouvi uma mulher dizer: "eu chegava, punha a conta na mesa; se eu não pegasse, o papel ficaria velho; ele só queria beber".

Numa família que procura viver sob o Espírito de Deus, o padrão é outro. Nela o marido assume o seu papel, amando a sua esposa, amando os seus filhos, sem se impor com frases do tipo "aqui quem manda sou eu", próprias dos fracos.

Maridos, lamento dizer que a liderança tem um peso e não é sobre a mulher; é sobre o marido, que deve se comportar com sua esposa como Cristo se comportou em relação à igreja. Jesus Cristo, "embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Filipenses 2.6-8)



Preciso ler mais algum texto?

Submissão é uma atitude do coração, não um ato. Um casamento triunfará se for entre iguais. Um casamento entre iguais vai além de papéis e fórmulas. Só o casamento entre iguais permite a verdadeira intimidade. O casamento é o espaço da comunhão entre iguais.

Se for baseado na autoridade, o casamento fracassará, mesmo que os dois continuem coabitando. O relacionamento no casamento não é de hierarquia, com o marido no trono e a mulher no chão, mas de parceria.



### Capítulo 3.

#### O DEVER MASCULINO DO AMOR<sup>4</sup>

Um de meus tios achava que fazia parte de sua masculinidade não revelar a ninguém, nem a sua esposa, o quanto ganhava por mês. Acho que ela nunca soube. Ele nunca deixou faltar nada; só não deixava ninguém saber de sua vida financeira. Fechado, calado, embora manso, meu tio representava um tipo de homem, que ainda existe, mesmo à margem.

Com a mudança nos papéis femininos, também incluídas no mercado de trabalho fora de casa, este perfil deixou de ser predominante. O compartilhamento de informações e de contas a pagar, por exemplo, tornou-se um ideal em muitas sociedades.

Tanta foi a transformação que os papéis de homem e mulher deixaram de ser distintos, confundindo-se até. Em algumas situações, o resultado tem sido uma sobrecarga sobre a mulher, encarregada de papéis múltiplos, dentro e fora de casa. Sozinha, ela acaba não dando conta de seu papel; não por acaso, a expectativa de vida da mulher, que era muito maior, vai se aproximando da média do homem.

A insatisfação feminina, tanto o peso e tanta a omissão dos seus cônjuges, vai se ampliando, especialmente diante do ideal

---

<sup>4</sup> [Preparado para ser pregado na IB Itacuruçá, em 6 e 13.8.2006, parte 1, e 3 e 10.9, parte 2, manhãs]



maior pelo qual ela se casa: o desejo do companheirismo.

O apóstolo Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, percebeu esta dinâmica na relação marido-esposa, ao propor a submissão mútua, da qual derivam a submissão feminina e o amor masculino, como deveres capazes de permitir o prazer e o compromisso em dimensões saudáveis.

Escrevendo aos efésios, ele estabelece a regra áurea para a vida familiar:

"Sujeitem-se uns aos outros, por temor a Cristo" (verso 21).

Em seguida, em três versos e meio ele oferece o dever feminino (versos 22-24; 33b):

"Mulheres, sujeite-se cada uma a seu marido, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos" (versos 22-24). (...) Portanto, (...) a mulher trate o marido com todo o respeito" (33b).

Ao tratar do dever masculino, o apóstolo desenvolve em oito versos e meio seu argumento, a partir da mesma idéia da submissão mútua (25-33a):

"Maridos, ame cada um a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si



mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável. Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo.

Além do mais, ninguém jamais odiou o seu próprio corpo, antes o alimenta e dele cuida, como também Cristo faz com a igreja, (30) pois somos membros do seu corpo. (31) “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne.” [Gênesis 2.24]

Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja.

“Portanto, cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo” (versos 25-33a).

## O CONTEXTO PAULINO

Quando chamei de inspirada esta palavra, não o fiz apenas por crer na inspiração divina para a Bíblia, mas notar o quão fora de contexto está a instrução paulina no ambiente em que viviam, ele e seus leitores.

A idéia do amor (ágape) como uma exigência para o homem era algo muito estranho para o seu tempo. Em sua época, o esposo/pai era o chefe absoluto da família; ele era o senhor de sua esposa, de seus filhos, das esposas dos seus filhos, dos



sobrinhos, dos escravos e dos libertos, podendo dispor deles e de suas vontades, o que incluía levá-los à morte. O mundo romano, portanto, era o mundo do homem, que tinha decidia até se um bebê viveria ou não. O poder masculino na família era absoluto. Ele podia matar uma mulher que lhe fosse infiel.

A propósito, o homem não mudou muito neste quesito. Segundo uma pesquisa feita no Brasil, 17% das mulheres declararam ter sofrido algum tipo de violência doméstica em suas vidas. Deste total, mais da metade (55%) afirmou ter sofrido violência física, seguida pela violência psicológica (24%), violência moral (14%) e violência sexual (7%).<sup>5</sup> Em Roma, a maioria dos casamentos era arranjada. A partir dos 12 anos, a mulher podia se casar, mas isto acontecia geralmente aos 14 anos. O divórcio podia ser obtido com facilidade, sem apresentação de provas. Tullia (79-45 a.C.), irmã do grande orador Cícero, se casou aos 16, ficou viúva aos 22, casou-se aos 23, divorciou-se aos 28, casou-se de novo aos 29, divorciou-se novamente aos 33 e morreu aos 34 anos de idade.

Diferentemente das mulheres atenienses, mantidas segregadas, as mulheres romanas, cuja função essencial esperada era a da maternidade, podiam fazer compras e coordenavam a vida no interior da casa, para onde os homens

---

<sup>5</sup> SENADO FEDERAL. Violência doméstica contra a mulher. Disponível em <<http://www.pflmulher.org.br/RelatorioViolenciaContraMulher.pdf>>



voltam tarde da noite, depois de terem se encontrado com os amigos num banho público.

O amor conjugal era absolutamente irrelevante. Em muitos casos, o amor era visto como ridículo e não como algo a ser buscado. Pompeu foi considerado efeminado por causa de seu amor para com sua jovem esposa Júlia. Falar de amor em público era inaceitável. Os casais não se beijavam em público, nem mesmo no rosto.

Este padrão autoritário venceu os séculos, chegando suavizado aos nossos dias. Encontramos também, especialmente depois das transformações sociais e econômicas a partir do século 19, homens omissos, como se vivessem à parte de sua família.

A recomendação bíblica é clara: o marido deve amar a sua esposa como a si mesmo. Esta instrução, assim sintetizada, é expandida pelo apóstolo Paulo em quatro orientações.

1. Há uma especificidade de papéis.

A primeira orientação bíblica, neste contexto, é que marido e mulher têm papéis complementares na vida conjugal.

O marido não deve poder e não deve ser autoritário. A liderança de que é incumbido não é para ser exercida despoticamente, mas com amor. Quem ama não se omite. A omissão provoca uma



confusão de conseqüências dramáticas.

O homem precisa entender qual é o seu papel.

Primeiramente eu me dirijo aos jovens que ainda não se casaram. Na Bíblia, um homem é chamado a ser homem, o que significa cumprir seu papel como marido e pai. Exceto para quem tem o dom do celibato (dom vindo de Deus, não "dom" vindo das frustrações com as meninas), o objetivo de todo jovem cristão deve ser casar-se e ter filhos.

O casamento é algo extraordinariamente bom. "O casamento é um dom grandioso de Deus. Ele nos faz adentrar o estranho e espantoso mistério de uma 'só carne' em toda a sua plenitude. Trata-se de um presente a ser recebido reverentemente e a ser nutrido com ternura".<sup>6</sup> A família é uma providência divina, logo extraordinariamente boa. Por isto, todo jovem cristão deve aspirar tornar-se um esposo com quem sua esposa gostaria de estar casada e um pai em que os filhos confiam e a quem respeitam. É nisto que reside a verdadeira masculinidade.<sup>7</sup> Em segundo lugar, falo aos homens casados. Depois do modismo do homem metrosssexual, fala-se agora no homem retrosssexual, que volta a valorizar a masculinidade. Um professor de Harvard lançou um livro, que não é único na bibliografia do início do século 21, para

---

<sup>6</sup> FOSTER, Richard. *Dinheiro, sexo e poder*. 2a ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 136.)

<sup>7</sup> MOHLER, Albert. *For Guys Only: The Marks of Manhood*. Disponível em <<http://www.boundless.org/2005/articles/a0001093.cfm>>.



propor uma espécie de renascimento da masculinidade, daí a expressão retrosssexual. Harvey Mansfield propõe uma espécie de machismo esclarecido<sup>8</sup>. Para ele, "os homens devem parar de ter vergonha de ser homens".<sup>9</sup> Modismos à parte, porque outros ainda virão, a masculinidade é a aceitação do homem do seu papel na família e na sociedade, tal como demandada por Deus na Sua Palavra. E que papel é este?

1.1. Cabe ao marido tomar a iniciativa no estabelecimento das prioridades e dos objetivos da sua família. Muitas vezes os familiares pensam suas vidas num horizonte muito curto, sem uma perspectiva de longo prazo. Cabe ao marido/pai ter uma visão mais ampla. Seu amor o capacita a tanto. Sua experiência profissional o habilita para tal. Isto não quer dizer que está liberado para se tornar um ditador e estabelecer unilateralmente essas prioridades e esses objetivos. Tudo deve ser discutido, cabendo ao marido/pai tomar a iniciativa de pôr tudo na mesa para reflexão coletiva.

Para tanto, o homem precisa se comprometer a buscar sua própria maturidade, para que possa contribuir para a maturidade dos outros. Ele precisa de coragem para decidir e agir,

---

<sup>8</sup> (MANSFIELD, Harvey. *Manliness*. Yale (New Haven: Yale University Press, 2006).

<sup>9</sup> DÁVILA, Sérgio. Masculinidade voltou à moda, diz professor de sociologia. Folha de S.Paulo, 30.7.2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u62866.shtml>>.



mesmo sob pressão. Ele precisa viver de modo íntegro, para que seja exemplo para sua esposa, seus filhos e sua comunidade.

1.2. Cabe ao marido tomar a iniciativa no desenvolvimento da formação espiritual da sua família. O marido é o primeiro pastor de sua esposa. O pai é o primeiro pastor de seus filhos.

Agora, nenhum homem será um líder espiritual em sua família não estiver em comunhão com Deus em sua vida pessoal. Ele pode até exercer liderança, mas nunca liderança espiritual; ele pode ser um líder segundo padrões humanos, mas nunca um líder ao modo de Cristo.

Todo homem cristão que deseja ser um marido ou pai segundo o padrão bíblico deve trabalhar duro diante de Deus na solitude de sua própria vida de oração. Ele deve se dedicar diariamente à leitura da Bíblia e à oração. Ele deve lutar a luta da fé em sua

própria alma antes de querer ser líder em sua família.<sup>10</sup> Ele precisa aplicar na sua própria vida os princípios que aprende na Palavra de Deus.

1.3. Cabe ao marido tomar a iniciativa da reconciliação nos tempos de conflito. Para tanto, ele precisa buscar o equilíbrio emocional, inclusive nas palavras. Ele precisa desenvolver a

---

<sup>10</sup> PIPER, John. Adam, Where Are You? Disponível em <<http://www.desiringgod.org/library/sermons/84/061784.html>>.



virtude da paciência e a capacidade da calma.

Quando a vida familiar mergulha na intolerância, é tarefa do marido/pai promover a concórdia. Quando a vida familiar afunda na desavença, é tarefa do marido promover a paz. Se ele fracassar, dificilmente haverá tolerância e paz em sua casa. Ao contrário, "quando homem tem a graça de humildade e da coragem de fazer estas coisas, o poder Cristo é exaltado e o coração de sua esposa se alegria e seus filhos se desenvolvem saudavelmente e todos o chamam bem-aventurado".<sup>11</sup>

Homem, se sua família não sabe quais são as suas prioridades, andando atrás do vento, onde está você?

Homem, se sua família não cresce espiritualmente, oscilando entre a fé e a superficialidade, onde está você?

Homem, se sua família não experimenta a paz, mas tem permitido que os conflitos a consuma, onde está você.

Aceite o papel que a Palavra de Deus lhe oferece.

## 2. O marido deve amar a sua esposa.

A segunda orientação que vem de Deus para o homem é sobre o fundamento de suas relações conjugais. O fundamento é o amor

---

<sup>11</sup> PIPER, John. Adam, Where Are You? Disponível em  
<<http://www.desiringgod.org/library/sermons/84/061784.html>>.



— e Paulo o repete três vezes:

. "Maridos, ame cada um a sua mulher" (verso 25)

. "Os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu próprio corpo" (verso 28).

. "Cada um de vocês também ame a sua mulher como a si mesmo" (verso 33a).

Paulo não deixa que o amor se perca apenas em desejos, ao colocar um modelo objetivo para este amor: o amor de Cristo para com a igreja deve ser o parâmetro para o amor do homem para com sua esposa.

Quem pode amar assim? O marido cristão deve ter este amor como sua meta. A cada dia deve avaliar se seu modo de amar sua esposa está mais parecida com o modo de Cristo amar a sua igreja. Este é o amor que não se esconde atrás de palavras, que não se contenta com pequenos gestos.

Como é este amor? É o amor de quem se entrega. Cristo amou a igreja e se entregou por ela. O melhor resumo deste amor foi escrito pelo mesmo autor: "Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros. Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou



que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!" (Filipenses 2.3-8).

O marido que se entrega como Cristo à sua esposa nada faz por egoísmo ou por vaidade. Essas não são as suas motivações, quando presenteia, quando faz um afago, quando oferece um elogio.

O marido que se entrega como Cristo à sua esposa considera-a como superior, como melhor, como mais dedicada, como mais afetuosa que ele mesmo.

O marido que se entrega como Cristo à sua esposa não tem interesses pessoais, senão os dela e de sua família; seu trabalho é para ela; seus projetos são para ela.

O marido que se entrega como Cristo à sua esposa é o líder-servo porque é servo mesmo; é o líder que não precisa ter a última palavra, que pode ser a da esposa; é o líder que não precisa lembrar que é o líder, porque só lembra disto como missão, não como posição; é o líder-igual porque é igual mesmo; é o líder que se submete; é o líder que se humilha, se a família vai vencer.

Para que serve este amor?

A argumentação de Paulo sobe célere de nível.



O amor do marido que quer ser semelhante ao amor de Cristo santifica a sua esposa. Cristo podia santificar a igreja porque era santo; o marido santifica a esposa quando é santo. Quando leva a sério a sua vida com Deus, o marido abençoa a sua esposa. Quando ele ora por ela, ela é abençoada. Quando santifica o seu corpo só para ela, mantém santo o leito e o lar.

O amor do marido que quer ser semelhante ao amor de Cristo olha para ela como não tendo mancha ou ruga. Na vida conjugal, os anos passam e corpo pesa, flácido ao tempo. Mas os olhos que o vêem estão mais cheios de amor, suficientes para ver o lindo rosto do beijo no altar com a mesma beleza, embora mais madura; são olhos amorosos para sentir no corpo da esposa o mesmo prazer dos primeiros encontros. Ah, isso é cegueira! Não é cegueira: é mistério.

O amor do marido que quer ser semelhante ao amor de Cristo se envolve com a sua esposa para escrever juntos uma nova história. Afinal, ele é osso do osso dela, ela é carne da carne dele. Um é parte da vida do outro, sem lugar para mentiras, sem lugar para segredos, sem lugar para vidas paralelas.

A qualidade de vida que deve existir entre marido e mulher deve ser a mesma que deve haver entre Cristo e a igreja. Portanto, o padrão do amor conjugal é Jesus Cristo, um padrão mais elevado que a submissão.



3. O amor deve se expressar em fidelidade.

Embora não toque no tema, Paulo tem em mente a santidade do leito conjugal ou, mais claramente, a fidelidade conjugal, um padrão cristão em todos os tempos. Pouco depois do apóstolo, um autor cristão desconhecido descreveu assim os seguidores de Jesus Cristo: "Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne" (Epístola a Dioneto, 5).

O contexto paulino era de casais infiéis, especialmente em função do comportamento masculino. Ao longo do tempo, não tem sido diferente. No Brasil, estima-se que 75% dos casamentos desfeitos tiveram no adultério a sua causa. A infidelidade é facilitada pela saturação das tentações ou, mais diretamente, pelo excesso de ofertas ou oportunidades.

O adultério masculino acontece quando o homem torna supremo na sua vida a realização do prazer sexual. O princípio do prazer sexual sempre desejará ser supremo e, quando ele é entronizado na prática como tal, os limites afetivos morais e espirituais serão rompidos, e o homem cairá na teia que armou. Ele se achará dominador ou conquistador, mas foi dominado pelo instinto ou conquistado pela mulher. O homem que quiser ser um vencedor precisará ter domínio sobre o seu desejo. Para tanto, ele precisa desejar dominar o seu desejo, se quiser que seu voto de



fidelidade não seja quebrado.

Quem é casado não pode esquecer que a tentação provoca a luxúria, comparada por um autor a um "macaco que vive se remexendo em nosso ventre. Não importa quanto o domemos durante o dia, ele aparece com sua fúria selvagem em nossos sonhos à noite. Quando achamos que que estamos a salvo, eis que ele ergue a sua cabeça medonha e dá uma risadinha, e não há rio no mundo cujas correntes sejam friase fortes o suficiente para abatê-lo. Deus Todo-Poderoso, porque adornas o homem com um brinquedo tão odioso?"<sup>12</sup>

O adultério masculino acontece quando o homem perde o sentido essencial da vida, que é entrega, e o sentido da vida conjugal, que é encontro. *Eros* precisa ser primeiro *ágape*. Amor *ágape* é amor que subordina os próprios interesses, os próprios prazeres e a própria personalidade aos interesses, aos prazeres e à personalidade do outro. É amor sacrificial, se for necessário, como o de Antônio por Francisca (nomes fictícios). Francisca foi submetida a uma cirurgia que a deixou em estado vegetativo por 25 anos. Nos primeiros anos, Antônio cuidava dela, junto com o trabalho. Aposentou-se mais rápido para cuidar melhor dela, especialmente do corpo dela, que não esboçava qualquer sinal. Nunca reclamou, mas agradecia por ela estar viva. Nunca cogitou deixá-la, porque o seu amor permaneceu inalterado, mesmo que não fosse alimentado por sua esposa. Enquanto esteve vivo,

---

<sup>12</sup> (BUECHNER, Frederick. Citado por FOSTER, Richard. *Dinheiro, sexo e poder*. 2ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 111.)



cuidou dela, porque ela viveu dois anos mais que ele...

O amor sacrificial não se sabe sacrificial, como o de Sérgio por Sônia (nomes fictícios). Ele se mudou de uma cidade para outra, já aposentado. Quando perguntado por que, dizia que era para cuidar melhor do seu amor, da sua fofura, da razão da sua vida, da sua querida. A nova cidade oferecia mais recursos. Na igreja, sempre agradecia por sua esposa. Quando alguém insistia, ele contava a história toda: sua esposa tinha o mal de Alzheimer. O modo como falava dela vinha de alguém que amava a sua esposa com a mesma intensidade do tempo em que ela era saudável mentalmente.

O adultério masculino acontece quando o marido condiciona seu amor à perfeição de sua mulher. A perfeição não existe. O marido não deve deixar de amar sua mulher por causa da imperfeição dela. Cristo conhecia as imperfeições da igreja, e a amou assim mesmo, ou por isto mesmo a amou.

A fidelidade não pode depender da perfeição do cônjuge. O companheirismo não pode depender da perfeição do cônjuge. Sou apaixonado pela declaração de amor encontrada em Cântico dos Cânticos, em que a amada diz para o seu amado: "Coloque-me como um selo sobre o seu coração; como um selo sobre o seu braço; pois o amor é tão forte quanto a morte, e o ciúme é tão inflexível quanto a sepultura. Suas brasas são fogo ardente, são labaredas do Senhor" (Cântico dos Cânticos, 8.6).

A fidelidade é um selo sobre o coração da pessoa amada. O



companheirismo é um selo sobre o braço da pessoa querida. O amor é tão forte quanto a morte. As brasas do amor são fogo ardente; são labaredas que Deus põe no coração para alimentar a fidelidade.

Quem pode amar assim, fielmente, puramente, verdadeiramente? De modo perfeito, só Cristo, em relação à igreja. É este amor que é colocado como padrão para nós. Há um mistério na vida conjugal: a entrega é um mistério, já que não é natural, mas espiritual. De nossa natureza carnal, só pode esperar o adultério. De nossa natureza espiritual podemos esperar a fidelidade.

Se você é um marido fiel, continue sendo fiel. É sua obrigação. Deve ser seu prazer.

Se você não está sendo fiel, mude a sua vida. Não espere ser descoberto. Deus já descobriu a sua infidelidade. Acerte sua vida.

#### 4. O amor deve se expressar no companheirismo.

Voltando à declaração de amor encontrada em Cântico dos Cânticos, o amor é um selo sobre o braço da pessoa querida.

Se a mulher precisa entender que o seu marido encontra no ato sexual a sua realização, o marido precisa compreender que é no companheirismo (no estar ao lado, no estar com) que ela se realiza. É por isto que ela clama e, às vezes, reclama. Assim, o



amor do marido que se quer ser semelhante ao amor de Cristo se mostra no companheirismo.

O amor do marido que quer ser semelhante ao amor de Cristo se mostra no cuidado, seja ele material ou espiritual. Quem ama à esposa cuida dela como o mesmo cuidado que tem de si mesmo. Mesmo que você não ligue muito para a sua saúde, ligue para a dela. Você pode até não ter um plano de saúde, mas ela precisa ter um. Este cuidado deve transcender sua própria vida. O marido deve pensar na subsistência da esposa, mesmo depois que ele se for.

O amor do marido que quer ser semelhante ao amor de Cristo se mostra no respeito que conquista, não pela palavra dura mas pela suavidade, não pela imposição do medo mas pelo testemunho.

Você ama a si mesmo mais que ao seu trabalho, mais que à sua carreira, mais que à sua posição, mais que à sua conta bancária, mais que a seus estudos, mais que ao seu carro, mais que à sua biblioteca, mais que ao computador? Do mesmo modo, você deve amar sua esposa: mais que ao seu trabalho (então, não reclame do ciúme que ela tem do tempo que você dedica ao trabalho), mais que à sua carreira (não ache que ela não está interessada no seu sucesso), mas que à sua posição (não pense que ela não se orgulhe de você, mesmo que nunca o diga), mais que sua à conta bancária (logo, não brigue com ela por causa de dinheiro, que é de vocês, não seu), mais que seus estudos (não



se esqueça que ela sempre lhe apoiou), mais que seu carro (que você pode trocar), mais que sua biblioteca (que é apenas um conjunto inanimado de objetos), mais que seu computador (que não pode ser seu amante)!

Veja como a está tratando. Trate-a bem, menos que não esteja sendo bem tratada por ela.



## **Capítulo 4.**

### **DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO**

(Efésios 5.31-32a)

"Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. Este é um mistério profundo".

(Efésios 5.31-32a)

Tudo o que diz respeito à vida do cristão é discutido na Bíblia, que oferece orientação segura para todas as áreas da vida, às vezes indiretamente, mas sempre claramente.

O tema do divórcio e do novo casamento é destes tratados diretamente. Podemos até ter nossas opiniões (que geralmente não são nossas, mas do século em que vivemos), mas desejamos ser moldados pela Palavra de Deus, por uma questão de obediência e por uma questão de sabedoria ou bom-senso.

#### **1. PRINCÍPIOS GERAIS**

Antes de tratarmos do tema especificamente, precisamos reafirmar os princípios gerais para a vida familiar, neste contexto.



1.1. Em todas as questões da vida, inclusive na conjugal, precisamos nos lembrar que fomos feitos para o louvor da glória de Deus.

O ideal de vida para o cristão está expresso em toda a Bíblia. Num deles, o convite é claramente apresentado: "Salva-nos, Senhor, nosso Deus! Ajunta-nos dentre as nações, para que demos graças ao teu santo nome e façamos do teu louvor a nossa glória" (Salmo 106.47).

Noutro texto, os cristãos somos definidos em função dessa glória a ser buscada como razão da própria existência: [Em Cristo] "fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade, a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória. Quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória" (Efésios 1.11-14).

Este é o hedonismo que vale a pena. Viver para o louvor da glória de Deus é viver uma vida que testemunha Quem Deus é.

1.2. O casamento é a oportunidade estabelecida por Deus para a completação da vida por meio da complementariedade da união



conjugal.

A narrativa da criação, ou melhor, do estabelecimento da união conjugal, não deixa dúvida para isto: "Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem: 'Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada'. Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne" (Gênesis 2.20-24).

1.3. O casamento é um compromisso para sempre. O ideal de Deus é a indissolubilidade do casamento. O casamento é para sempre. Este é o ideal de Deus.

A recomendação de Jesus é bastante clara: "Porquanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem" (Marcos 10.9); "Assim já não são mais dois, mas um só carne. Portanto o que Deus ajuntou, não o separe o homem" (Mateus 19.6).

1.4. Fiel ao propósito da indissolubilidade da união conjugal, Jesus



aboliu a lei mosaica que, por causa da maldade humano, acabou admitindo o divórcio por razões banais. À permissão mosaica, Jesus contrapôs um de seus divinos "eu, porém, vos digo".

Além de ser injusta para com a mulher, que não tinha direito algum para se divorciar, a lei judaica banalizara o casamento, nos seguintes termos: "Se um homem casar-se com uma mulher e depois não a quiser mais por encontrar nela algo que ele reprova, dará certidão de divórcio à mulher e a mandará embora. Se, depois de sair da casa, ela se tornar mulher de outro homem, e este não gostar mais dela, lhe dará certidão de divórcio, e a mandará embora. Ou se o segundo marido morrer, o primeiro, que se divorciou dela, não poderá casar-se com ela de novo, visto que ela foi contaminada. Seria detestável para o Senhor. Não tragam pecado sobre a terra que o Senhor, o seu Deus, lhes dá por herança" (Deuteronômio 24.1-4).

Jesus reconhece o esforço de Moisés, ao procurar preservar a mulher. Naquela época, uma mulher separada, quer dizer, abandonada, não tinha sequer como sobreviver, porque a sua sobrevivência se dava no interior do casamento. Diante de situações concretas, Moisés queria que, pelo menos, diante do inevitável, que a mulher pudesse ficar liberada para um novo casamento.

Jesus também tem o mesmo interesse e, por isto, é ainda mais radical, sempre pensando na proteção das mulheres. "Foi dito: 'Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de



divórcio'. Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério" (Mateus 5. 31-32).

1.5. Longe da banalização verificada na prática do Antigo Testamento, o Novo Testamento admite a existência de situações absolutamente extremas e totalmente fora da vontade de Deus em que o divórcio é admissível. Há, portanto, cláusulas de exceção à indissolubilidade. Estas cláusulas são apresentadas em decorrência do pecado humano.

## **2. CLÁUSULAS DE EXCEÇÃO À INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO**

Nos Evangelhos há quatro textos sobre o divórcio. Neles Jesus é instigado ora por adversários (os fariseus) e ora por seus amigos (seus discípulos) a falar sobre o assunto.

Também aqui temos que derivar da Bíblia nossa teologia acerca do casamento, do eventual divórcio e do possível novo casamento. É da Palavra de Deus que tem que vir o conselho para a vida conjugal, desde o seu preparo e até o seu desfazimento, se for o caso, ou o seu refazimento, se também for o caso.



2.1. Em Marcos e Lucas, Jesus fala da indissolubilidade do casamento, sem referência a qualquer cláusula de exceção.

O texto de Marcos 10.1-12 registra:

"Então Jesus saiu dali e foi para a região da Judéia e para o outro lado do Jordão. Novamente uma multidão veio a ele e, segundo o seu costume, ele a ensinava.

Alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova, perguntando:

— É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher?

— O que Moisés lhes ordenou? — perguntou ele.

Eles disseram:

Moisés permitiu que o homem lhe desse uma certidão de divórcio e a mandasse embora.

Respondeu Jesus:

— Moisés escreveu essa lei por causa da dureza de coração de vocês. Mas no princípio da criação Deus 'os fez homem e mulher'. 'Por esta razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne'. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe.



Quando estava em casa novamente, os discípulos interrogaram Jesus sobre o mesmo assunto. Ele respondeu:

— Todo aquele que se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério contra ela. E se ela se divorciar de seu marido e se casar com outro homem, estará cometendo adultério".

Lucas 16.18 é mais sintético, mas no mesmo tom:

"[Jesus disse:] Quem se divorciar de sua mulher e se casar com outra mulher estará cometendo adultério, e o homem que se casar com uma mulher divorciada estará cometendo adultério".

O texto de Lucas não sugere o contexto, mas o de Marcos é explícito a este respeito.

No diálogo com os fariseus, eles tentaram colocar Jesus em dificuldade diante da multidão a que ensinava.

Jesus sabia que havia duas posições em evidência naqueles dias e que dividiam os fariseus. O rabino liberal Hillel permitia o divórcio por qualquer motivo. O conservador Shammai só o admitia por infidelidade conjugal. Os fariseus queriam saber qual era a posição de Jesus diante daquela controvérsia. A resposta de Jesus o coloca na contramão de um e de outro, ao dizer "não" ao divórcio. O casamento é um compromisso para sempre.

No diálogo com os discípulos, seus seguidores mostraram a sua perplexidade diante do fato de que o Mestre ficou equidistante



das duas visões até então conhecidas. Neste contexto, pediram mais orientação e ouviram sobre o ideal divino para o casamento.

2.2. Os dois textos de Mateus introduzem a cláusula do divórcio, admitido por Jesus em apenas uma situação: a da *porneia*.

Os dois textos de Mateus sobre o divórcio põem o complemento da exceção:

. “[Jesus respondeu:] Foi dito: ‘Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’. Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério” (Mateus 5.31-32).

. "Jesus respondeu: Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério" (Mateus 19.8-9).

O texto essencial é Mateus 19.3-12, que precisa ser lido integralmente:

"Alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova". E perguntaram-lhe:



— “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher por qualquer motivo”?

Ele respondeu:

— “Vocês não leram que, no princípio, o Criador ‘os fez homem e mulher’? e disse: ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’. Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe”.

Perguntaram eles:

— “Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora”?

Jesus respondeu:

— “Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério”.

Os discípulos lhe disseram:

— “Se esta é a situação entre o homem e sua mulher, é melhor não casar”.

Jesus respondeu:

— “Nem todos têm condições de aceitar esta palavra; somente



aqueles a quem isso é dado. Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite”.

O ideal da indissolubilidade está claro. A exceção admitida está posta. Um cristão só pode desistir da união conjugal em caso de pornografia por parte do seu cônjuge. Quem comete pornografia e se separa, casando-se ou não, comete pecado. Quem se separa sem ter sido vítima da pornografia do seu cônjuge comete pecado.

Fique, então, afirmado: 1. Jesus admite o divórcio, seguido ou não de novo casamento. 2. Jesus admite o divórcio, seguido ou não de casamento, para a vítima da pornografia.

2.3. Antes de conceituarmos o que é pornografia, precisamos de ler o outro texto neotestamentário sobre o divórcio, embora ali a palavra não apareça.

Na igreja em Corinto havia dificuldades no relacionamento conjugal de muitas famílias. Um dos problemas advinha do fato de que alguns casamentos eram mistos, com apenas um dos cônjuges sendo cristão.

Paulo ensina os casais com este tipo de problema (1Coríntios



7.10-16):

“Aos casados dou este mandamento, não eu, mas o Senhor: Que a esposa não se separe do seu marido. Mas, se o fizer, que permaneça sem se casar ou, então, reconcilie-se com o seu marido. E o marido não se divorcie da sua mulher.

Aos outros, eu mesmo digo isto, não o Senhor: Se um irmão tem mulher descrente, e ela se dispõe a viver com ele, não se divorcie dela. E, se uma mulher tem marido descrente, e ele se dispõe a viver com ela, não se divorcie dele. Pois o marido descrente é santificado por meio da mulher, e a mulher descrente é santificada por meio do marido. Se assim não fosse, seus filhos seriam impuros, mas agora são santos. Todavia, se o descrente separar-se, que se separe.

Em tais casos, o irmão ou a irmã não fica debaixo de servidão; Deus nos chamou para vivermos em paz. Você, mulher, como sabe se salvará seu marido? Ou você, marido, como sabe se salvará sua mulher?”(1Coríntios 7.10-16).

Primeiramente esclareçamos que, quando diz "não eu, mas o Senhor", Paulo está usando um recurso estilístico para informar que está apenas repetindo o que Jesus ensinou sobre a natureza do casamento. Assim, como está nos versos 10 e 11, uma mulher não deveria se separar do seu marido não crente, sendo a recíproca verdadeira, pela razão de que não houve pornéia, embora houvesse uma diferença de natureza religiosa. Nenhuma mulher, ou nenhum homem, pode se achar justificado para se



separar por motivo religioso. Se o fizer, cometerá pecado se casar-se novamente.

Uma outra situação poderia surgir, dada pelo cristão abandonado por um cônjuge descrente (versos 12-15). É neste contexto que Paulo afirma: "digo eu, não o Senhor". Ele está lançando mão de uma frase que deixa claro que está se pronunciando a respeito de um assunto não tratado especificamente por Jesus, embora o que escreva seja fiel aos princípios dos ensinamentos do Senhor, e não poderia ser diferente já que é instruído pelo Espírito Santo.

Paulo insiste que o ideal ainda é a manutenção do casamento, que pode ser um instrumento de salvação de um dos cônjuges, salvação que pode acontecer e pode não acontecer, porque o cônjuge é um instrumento do Espírito Santo, mas nunca o próprio Espírito Santo. Como consola o verso 16, não há garantia que a mulher salvará seu marido ou que o marido salvará sua mulher? O que fica evidente é que, se o cristão foi abandonado por causa de sua fé, ele está livre para celebrar o divórcio e contrair novas núpcias. O cônjuge cristão não pode ser condenado (ficando "debaixo da servidão" – cf. verso 15) por algo que não fez, se a razão do abandono foi mesmo a sua fé, e não outro comportamento aparentemente religioso.<sup>13</sup> Paulo, portanto, acrescenta uma cláusula de exceção: o abandono. O apóstolo se refere ao abandono por motivo religioso, em resposta à consulta que recebeu por parte dos coríntios. A luz do espírito de todo o

---

<sup>13</sup> [Devo esta interpretação de 1Coríntios 7, a Luiz Alberto Sayão, em comunicação particular.]



parágrafo, pode-se inferir que a pessoa abandonada, por motivo religioso ou não, está livre para um novo casamento. Será preciso levar em conta, no entanto, se o abandono não é consequência do comportamento do outro, que força o abandono para se sentir livre. Este tipo de abandono forçado não está incluído nesta categoria, para não beneficiar o verdadeiro infrator.

Não estão na categoria de abandono aquelas práticas sintetizadas com expressões como "não gosto mais dela/dele", "o amor acabou", "nossos projetos não são mais os mesmos", "não sou mais feliz com ele/ela", "nossos gênios são incompatíveis", "não agüento o temperamento do meu cônjuge", "encontrei outra pessoa", "não sou compreendido por ele/ela", "meu cônjuge já não me atende mais", "meu cônjuge está doente irreversivelmente". Quem se separa por estas razões banais e egoísticas comete pecado.

Temos até agora, então, duas cláusulas para o divórcio: pornéia e abandono.

#### 2.4. Precisamos então nos debruçar sobre a expressão pornéia.

O grego falado por Jesus tinha duas palavras para comportamentos imorais. Uma era *moicheia*, usada para o adultério (infidelidade conjugal). Nesses textos, Jesus usa a palavra *pornéia*, que inclui o adultério mas é mais que adultério. pornéia é imoralidade sexual, expressão em que podem estar as



práticas do adultério, do homossexualismo, da pedofilia, do incesto e de qualquer perversão sexual. A maioria das separações se dá mesmo por pornéia.

Está livre, portanto, para um novo relacionamento conjugal o cristão que não perdoou (e ninguém é obrigado a fazê-lo) o adultério, a prática homossexual, o comportamento pedófilo ou a perversão sexual do seu cônjuge, que pode incluir ainda a exigência (palavra por si mesma repugnante num relacionamento de amor) de práticas sexuais pervertidas ou mesmo a recusa à vida sexual ativa (que preocupava o apóstolo Paulo, que introduziu uma advertência à recusa ao intercurso sexual – cf. 1Coríntios 7.4-5), esta também uma perversão.

Portanto, pornéia (que inclui várias formas de imoralidade sexual) e abandono são cláusulas de exceção à indissolubilidade do casamento, que pode, então, ser dissolvido nestas dolorosas situações.

Há outra cláusula, além de abandona e pornéia?

2.5. Lemos em Gênesis 2.20-25 o ideal do casamento.

"Assim o homem deu nomes a todos os rebanhos domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens. Todavia não se encontrou para o homem alguém que o auxiliasse e lhe correspondesse. Então o Senhor Deus fez o homem cair em profundo sono e, enquanto este dormia, tirou-lhe uma das



costelas, fechando o lugar com carne. Com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele. Disse então o homem:

— Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, porque do homem foi tirada.

Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne. O homem e sua mulher viviam nus, e não sentiam vergonha" (Gênesis 2.20-25)..

O casamento é entre iguais, é entre pessoas que se correspondem, que respondem um a outro com respeito, que recebem um a outro com alegria e prazer.

A mulher foi dada ao homem para que ele se realizasse e se tornasse efetivamente gente.

A recíproca é verdadeira. Não é ela para se tratada como inferior ou como objeto ou como escrava ou como prisioneira. A recíproca é verdadeira.

A mulher foi dada ao homem para a vida. A recíproca é verdadeira.

Não há casamento quando há violência moral, sexual ou física. O casamento não pode ser uma ameaça à vida do outro. O casamento não pode pôr em risco a integridade física e emocional do outro. Um cônjuge não pode pôr o outro à mingua. A família não pode ser o lugar da agressão. Um cônjuge não pode aceitar



que um filho seja violentado por seu cônjuge.

À luz do estabelecimento do casamento, fixado neste texto e em outros, podemos também afirmar que a violência torna livre do casamento a sua vítima. Se isto lhe acontecer, ele/ela tem o direito de refazer a sua vida com outro cônjuge. O mesmo direito não tem o agressor.

### 3. APLICAÇÕES PRÁTICAS

As conseqüências dos ensinamentos bíblicos devem importar a todos: a casados e a não-casados; a casados que vivem bem e a casados que enfrentam crises; e não-casados que pretendem se casar e a não-casados que um dia o foram.

#### 3.1. Para os cristãos em geral

Devemos respeitar os divorciados, recasados ou não.

A graça é para eles também. Em certo sentido, os divorciados precisam mais da graça do que os outros que não têm ou não tiveram problemas no seus casamentos.

Devemos abrir mão do desejo de julgar os outros. Temos a tendência, conhecendo ou não as situações, em tomar partido de um dos cônjuges. Até podemos fazê-lo, mas nunca sem antes



ouvir os dois lados. Deus seja o juiz, não eu — eis aí um bom e sábio lema.

Pensar graciosamente a vida não implica em pensar libertinamente a graça.

Quando pensamos graciosamente sobre um casal de vida conjugal despedaçada, assumimos um risco, que é errar libertando, quando podíamos que errar prendendo (escravizando). Que contribuição trazemos para um descasado, trazendo-lhe à memória a sua culpa, real ou imaginada por nós?

### 3.2. Para os casados com boa qualidade de vida conjugal

Os casados que vivem bem, não importando há quanto tempo, devem investir no companheirismo e na fidelidade, na valorização e no cultivo das diferenças, no diálogo constante e na busca do bem-estar do seu cônjuge.

Uma forma de atenção é investir em práticas, como:

- . cuidem da saúde física e emocional de cada um dos cônjuges;
- . vivenciem férias em conjunto e, preferentemente, fora de casa (nem que seja por um período curto);
- . programem as próximas bodas, com um culto de gratidão ou, se possível, uma festa, não importam de quantos anos sejam:



ANO BODAS

1 Algodão

2 Papel

3 Trigo

4 Cera

5 Madeira

6 Perfume

7 Lã

8 Cobre

9 Cerâmica

10 Estanho

11 Aço

12 Seda

13 Linho

14 Marfim

15 Cristal

16 Safira



17 Rosa

18 Turquesa

19 Cretone

20 Porcelana

25 Prata

30 Pérola

35 Coral

40 Rubi

45 Platina

50 Ouro

60 Diamante

70 Cobre

75 Brilhante

80 Carvalho`

. planejem a velhice juntos;

. envolvam-se num ministério com casais, que oferecem ajuda mútua, para os casais que oferecem e para os casais que



recebem.

Quem vive bem deve cuidar para não cair. Quem vive bem não deve se orgulhar de viver bem, mas agradecer a Deus por viver bem.

Sejam humildes. Não pensem que vocês se conhecem. Antes, vocês precisam se aplicar em conhecer a natureza do ser do outro, não para explorar, mas para servir.

Não pensem que o amor seja suficiente. Vocês precisam cultivar o amor, para que ele aumente.

Não pensem que poderão construir sozinhos a felicidade. Vocês precisam buscar a Deus. Não há chance para vocês, se o Senhor não lhes edificar o casamento.

### 3.3. Para os casados em dificuldades

**LUTEM PELO CASAMENTO.** O casal deve esgotar todos os recursos para não se separar. Não há situação que deva ser vista como irremediável; até para a tragédia do adultério há solução.

A melhor maneira de se livrar de um mau casamento é lutar para que não seja mau; é investir na graça e na cura (diálogo). Diferentemente do que se diz, uma separação nem sempre é melhor que um mau casamento.



Aqui vai um convite: não sirva de tropeço para o seu cônjuge, fazendo-lhe exigências que não pode atender, negando-se sexualmente ao outro, tendo a murmuração (não a cortesia e a gratidão) como estilo de vida; poucos agüentam por muito tempo um cônjuge rixoso, queixoso, autoritário, irascível. Se necessário, para não servir de tropeço, procure ajuda, de um amigo competente ou de um profissional capaz.

Invista na recuperação do seu cônjuge, por grave que seja o seu pecado. Perdoe-o. Lute pelo outro. Aposte até o fim no casamento para que ele não tenha fim.

**NÃO TOMEM DECISÕES PRECIPITADAS.** Em caso de separação, se ela for mesmo inevitável e estiver segundo as três cláusulas de exceção bíblicamente admitida, não decida rápido, não decida sozinho ou só dos dois. Nenhum casal se casou sozinho (mas envolveu familiares e testemunhas e/ou invocou a bênção de Deus); nenhum casal deve se separar sozinho, nenhum casal deve tomar esta decisão por si só. Antes, deve instruir-se com alguém para se aconselhar acerca deste limite. É alto o custo (emocional, moral e financeiro) de uma separação. Separar-se nem sempre resolve.

Conquanto a lei judaica, por banalizar o casamento, tenha sido abolida por Jesus, há dois princípios que permanece até mesmo nessa instrução. Quando se admite o divórcio (Deuteronômio 24.1-4), há o cuidado para que tudo seja feito com dignidade. Uma



separação deve ser feita com dignidade, que inclua respeito aos direitos do outro, cuidado com os sentimentos do outro, generosidade em relação aos bens, santidade no comportamento com outras pessoas. Por isto, um cristão separado não deve começar a namorar outra pessoa antes de ter a sua separação homologada perante a lei; para que tanta pressa? O padrão moral para os descasados é o mesmo para os jamais casados.

O segundo princípio subjacente a este mandamento abolido e que permanece é a atenção que dever ser dada ao cônjuge mais fraco, no caso, naquele tempo e também na maioria dos casos contemporâneos, à mulher. A lei mosaica prescrevia que o marido não podia apenas se separar, mas devia, com a carta, liberar a ex-esposa para um novo relacionamento. Esta era uma forma de cuidado. Podemos ampliar esta atenção, recomendando que o marido deve pensar nas condições materiais da esposa a separação. E ele deve fazer isto com justiça e generosidade.

#### 3.4. Para os casados que se divorciaram

O DEVER DA FIDELIDADE. Não se sintam obrigados a casar de novo. Divórcio implica necessariamente na permissão (que não significa obrigatoriedade) de um novo casamento para o cônjuge que foi vítima de pornografia, abandono ou violência. Divórcio legítimo sem permissão de novo casamento é legalismo.

Os divorciados não devem se sentir obrigados a casar de novo.



Não há garantia que o segundo matrimônio será melhor que o primeiro. Afinal, um dos cônjuges é o mesmo...

Aos divorciados não se deve requerer que não se casem; uma proibição deste tipo atenta contra a natureza humana (que precisa de companheirismo e espaço para o desenvolvimento sadio de sua sexualidade) e contra a natureza humana (que promove vida — vida verdadeira, não vida promíscua; é perdoadora — quando há arrependimento; e oferece sempre uma nova oportunidade, quando é buscado em espírito e verdade).

O divórcio não deve ser visto como um direito a ser exercido pelo cônjuge ferido (vítima do abandono, da pornéia ou da violência). É uma possibilidade que a graça produz. O direito tem um nome: fidelidade.

O SEGUNDO CASAMENTO PARA QUEM SE DIVORCIOU ANTES DE SUA CONVERSÃO A CRISTO. Se você se divorciou antes de se converter a Cristo, não pode se achar culpado por não alcançar padrões que ainda não conhecia. Você é responsável por suas decisões. O fato de ter se convertido não o livra das conseqüências dos seus erros. A graça perdoa; as conseqüências podem ser vistas como meios disciplinadores da graça. O fato de ter se convertido deve levá-lo a rever suas atitudes, no que precisa ser revisto. Menciono algumas situações:

É próprio o rancor que eventualmente nutra para com o ex-



cônjuge ou com membros da sua família? Se anda mergulhado na amargura, peça a Deus a coragem de perdoar e virar de vez a página que pode ser virada na sua vida.

É justo o valor que você paga como pensão para o ex-cônjuge e os filhos? A justiça de um cristão deve exceder aos dos fariseus, que é a justiça da lei. Procure rever o que pode ser revisto. Veja com graça.

Além de apoio material, tem dado atenção aos filhos, mesmo que a separação tenha sido litigiosa? Talvez você tenha que reconquistar seus filhos. Faça isto sem os jogar contra seu ex-cônjuge. Ore pelo seu ex-cônjuge. Ore pelos seus filhos. Procure tê-los próximos. Você ainda é responsável por eles, mesmo que os relacionamentos tenham sido rompidos.

Tem criado dificuldade para que o ex-cônjuge contraia novas núpcias? Liberte-o, mesmo que, a seu critério, não mereça.

O SEGUNDO CASAMENTO PARA QUEM SE DIVORCIOU DEPOIS DE SE CONVERTER A CRISTO. Se você se divorciou sendo já um cristão, leve em conta a instrução bíblica. Se o divórcio teve como causa a infidelidade, o abandono ou a violência por parte do outro, não fique se culpando. É incrível como, mesmo quando uma mulher é vítima de uma dessas coisas, ainda assim é vista como culpada. Uma mulher vai à delegacia dar queixa do seu marido covardemente espancador:



ainda assim não falta quem diga algo como "alguma coisa ela aprontou", como se isto legitimasse a violência do marido. Muitas vezes até o adultério é debitado na conta do outro... Você é vítima; não seja duplamente vítima; não receba uma culpa que não tem. Você está livre para se casar outra vez. Se já o fez, agradeça a Deus e cuide para que não reviva dificuldades antigas. Se não o fez e deseja se casar de novo, peça a Deus um cônjuge amoroso, leal e bom. Submeta a sua vontade à vontade de Deus.

O SEGUNDO CASAMENTO PARA O DIVORCIADO QUE PROVOCOU A SEPARAÇÃO. Se você, sendo um cristão, divorciou-se por ter sido infiel, por ter sido o agente do abandono ou da violência, leve em conta a instrução bíblica. Você pecou. Embora possa ter padecido já as conseqüências do seu ato, nada é pior do que a consciência do seu pecado, pequeno ou grande tenha sido o estrago produzido. Peça perdão a Deus, que lhe perdoará, se seu pedido for sincero e inclua a disposição de não pecar mais. Se já pediu perdão sincero, já foi perdoado; neste caso, sua culpa foi cancelada, embora as conseqüências precisem ser vividas. Peça a perdão ao cônjuge ferido. Se for preciso se humilhar, humilhe-se. Uma auto-humilhação, por mais dolorosa que seja, dói menos que o sofrimento já impingido ao outro.

Veja se é possível reparar os danos gerados. Se for, repare.

Se o ex-cônjuge está sozinho, e há amor por ele, busque a



reconciliação. Se ele está casado, a reconciliação não deve ser buscada. Se você está casado, continue como está. Não se separe de novo, para restabelecer o que foi rompido. O casamento transforma as duas carnes e uma só carne. É claro o texto bíblico: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne. Este é um mistério profundo" (Efésios 5.31-32a).

Se você foi o provocador do divórcio, não voltou a se casar, não está autorizado a fazê-lo. A permissão é para as vítimas, não para os agentes.

Se você, o provocador do divórcio, voltou a se casar, peça perdão a Deus, peça perdão ao cônjuge prejudicado, e continue casado com quem você foi agora tornado uma só carne. Não traga mais dor a outras pessoas.

Agora, cuide para não cair de novo na tentação da infidelidade; se isto se tornou um padrão na sua vida ou uma tentação muito forte, busque toda a força em Deus para mudar de vez.

Cuide para não cair na tentação de abandonar sua família outra vez. Pode ser que este caminho faça parte de sua aprendizagem ou mesmo de alguma dificuldade emocional, como a incapacidade para a permanência em vínculos afetivos, condição que o leva sempre a desistir de algo quando os problemas vêm. Aprenda a persistir, inclusive nos relacionamentos.



Cuide para não recorrer à violência para impor suas idéias e valores. Se você aprendeu isto com seus pais, quebre esta maldição na sua vida, para que também seu filho não seja o sucessor desta herança maldita. Se for preciso apanhar, apanhe, mas não bata.

O CASAMENTO PARA QUEM ESTÁ AMASIADO. Se você, vítima ou agente do divórcio, dentro ou fora das cláusulas de exceção, vive uma união irregular (mesmo que a lei do Estado a considera estável), procure regularizá-la. Se esta união se deu com você antes de conhecer a graça de Deus, e agora você a recebeu, acerte sua condição e torne regular o seu casamento. Se sua união se deu com você já um conhecedor da graça, peça perdão ao Senhor da graça e regularize civilmente o seu relacionamento.

O casamento não é um assunto privado; é um assunto público. Pare de achar que o Evangelho não tem a ver com o que você faz na vida particular, porque tem. Quando abrimos as cartas apostólicas, vemos nelas as orientações, instruídas pelo Espírito Santo, para a vida em comunidade. A graça nos autoriza a fazer o que queremos, mas nos fortalece para fazer o que devemos, sem que isto seja um peso que nos negue a liberdade.



OS FILHOS DE PAIS DIVORCIADOS. Se você é filho de pais divorciados, legitimamente ou ilegitimamente, nos os julgue. Honre-os. Aprenda com eles, para que, quando se casar, não siga o padrão que viu. Não transforme o comportamento dos seus pais (ou um deles) como padrão. Seu modelo é outro.

A experiência dos seus pais, quando boa, não garante que a sua também o será no casamento. Você é que vai escrever, junto com o seu cônjuge, uma nova história. A experiência dos seus pais, quando ruim, não obriga você a repeti-la. Só a repetirá, se quiser, porque você é livre.

#### **4. PARA QUE O SEU CASAMENTO NÃO ACABE**

A verdade bíblica, repetida seis vezes na Palavra de Deus, é que, no mistério profundo do casamento (Efésios 5.32a), o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, e os dois se tornam uma só carne (Gênesis 2.24, Mateus 19.5, Mateus 19.6, Marcos 10.8, 1Coríntios 6.16; Efésios 5.31).

Para que o mistério continue, o desejo da esposa em Cântico dos Cânticos deve ser o do casal, no discurso e na prática: "Coloque-me como um selo sobre o seu coração; como um selo sobre o seu braço" (Cântico dos Cânticos 8.6).

Não há dúvida que:



Das decisões, casar é delas a maior.

Compartilhar todas as noites a mesma cama  
na promessa de trocas tecidas de amor  
é coragem para quem profundamente ama.

Das decisões, ficar casado é a melhor,  
porque é querer para o outro toda a estima,  
ver defeitos, mas as virtudes no alto pôr.  
É baixar a voz quando tenso está o clima.

O amor é de Deus, como o mais belo poema,  
dele e nosso, que juntos criamos com paixão  
se o cultivo das diferenças for um lema...

que aqueça a todo instante o nosso coração.

O casamento, ainda que a razão trema,  
é plano de Deus para a nossa salvação.



